



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**JULIANA BONETT
LEILA REMUS**

**A ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR**

**CHAPECÓ
2018**

JULIANA BONETT

LEILA REMUS

A ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

A ATUAÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Orientador/a: Dr^a Alessandra Bonassoli Prado.

CHAPECÓ

2018

JULIANA BONETTI

LEILA REMUS

A ADAPTAÇÃO DE CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A ATUAÇÃO DO PROFESSOR

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em 22:06:2018

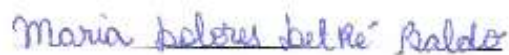
BANCA EXAMINADORA



Dr^a Alessandra Bonassoli Prado



Dr^a Patrícia Graff



Maria Delores Del Re Baldo

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa e as discussões acerca da adaptação de crianças no contexto da educação infantil, contemplando as relações de apego e a atuação do professor nesse processo. O objetivo do presente trabalho foi o de investigar como professores atuam para promover a adaptação da criança no período de inserção na educação infantil. O levantamento de dados ocorreu por meio de entrevista e da aplicação de um questionário em uma instituição de educação infantil da rede pública e outra na rede privada, com professoras que atuam desde o berçário até o período de pré-escola. Verificou-se que a maior dificuldade enfrentada pelas professoras é a insegurança dos pais e das crianças, e que a estratégia mais utilizada por elas é o uso de atividades lúdicas, objetivando promover a adaptação da criança. A maioria das participantes mencionou o uso de objetos de apego por parte das crianças com as quais trabalham, como nanas, ursos e chupetas, porém os comportamentos de apego que exibem em relação aos familiares não foram mencionados. Nesse sentido, destaca-se o pouco conhecimento sobre as relações de apego e, mais especificamente, sobre aspectos relacionados à Teoria do Apego.

Palavras-chaves: Adaptação. Apego. Criança. Educação Infantil. Professor.

ABSTRACT

This article presents a study and discussions on children adaptation in the context of child education, attachment relationships and the role of the professor in this process. The objective of the present work was to investigate how professors act to promote the adaptation of the child in the period of insertion in child education. The data collection was through interview and questionnaire in a public and in a private child education facility, with professors who acted from nursery to preschool period. It was verified that the greatest difficulty faced by them is the use of recreational activities in order to promote child's adaptation. The majority of the participants reported the use of attachment objects by the children they worked with, such as blankets, teddy bears and pacifiers, although the attachment behavior that children exhibit in relation to their relatives was not mentioned. It is remarked the little knowledge of attachment relations and of aspects related to the Theory of Attachment.

Keywords: Adaptation; Attachment; Child, Child Education; Professor.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
2.1 Breve Histórico da Educação Infantil no Brasil	9
2.2 O período de adaptação ao CEI	10
2.3 A Teoria do Apego	11
3 METODOLOGIA.....	14
4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	17
4.1 Dificuldades enfrentadas pelos professores no processo de adaptação	18
4.2 As estratégias utilizadas pelas professoras para adaptar a criança	21
4.3 Procedimentos das professoras e instituições em relação ao apego da criança a objetos	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32
ANEXO I.....	35

1 INTRODUÇÃO

A adaptação à Educação Infantil é o momento em que criança é inserida em um novo ambiente, onde passará a conviver com novas pessoas e objetos. Esse período de adaptação não ocorre apenas com as crianças que nunca frequentaram uma instituição de Educação Infantil, mas abarca aquelas que, todos os anos, trocam de uma turma para a outra, de professora, colegas ou até mesmo de escola. Há também casos em que crianças trocam de instituição durante o mesmo ano, reiniciando todo o processo de adaptação novamente.

O interesse em realizar esta pesquisa voltou-se para a compreensão de como ocorre o processo de adaptação da criança nas instituições de Educação Infantil, mais especificamente para a atuação do professor. Esse período adaptativo nas instituições de educação infantil é permeado por situações que envolvem muitos conflitos e barreiras na aproximação com os professores. A criança ao ser afastada/“separada” de seus cuidadores primários, ou seja, de seus pais e familiares – figuras de referência para o processo de interpretação e conhecimento sobre o mundo – podem vivenciar sentimentos de ansiedade e grande medo, expressos pelo choro, gritos de protesto e até mesmo pelo ato de agarrarem-se aos pais. Tal resposta da criança foi descrita por Bowlby (2002) como o comportamento de apego aos cuidadores, os quais garantiram e garantem a segurança e sobrevivência do bebê, assim como seus cuidados básicos. Além disso, ao apegar-se e manter-se próximo ao seu cuidador, a criança aprende “várias atividades necessárias à sobrevivência” .(BOWBLY, 2002 apud PRADO, 2005, p.22).

Mary Ainsworth (1978), ao estudar sobre o relacionamento entre mãe e bebê, esclarece que existem diferentes tipos de apego, classificando-os em dois grandes grupos: os seguros e os inseguros. As crianças seguras são as que se mostram mais confiantes em explorar o ambiente, enquanto as inseguras são as menos confiantes e que possuem pouca ou muita interação com seus cuidadores.

Já Winnicot (1975) estudou a relação de apego que as crianças estabelecem com objetos que lhes são oferecidos por suas mães. O autor afirma que as mães, ao disponibilizarem tal objeto para os filhos, já esperam que estes se apeguem a esses objetos, compreendendo que isso lhes trará maior segurança. Diante disso, a criança ao se apegar ao objeto tem nele uma “defesa contra a ansiedade” (WINNICOT, 1975, p.14).

Considerando a compreensão desses autores sobre a insegurança vivenciada pela criança ao se separar de seus familiares, que afirmam que as crianças em seus primeiros anos de vida desenvolvem um vínculo afetivo com a mãe, com outros cuidadores e com objetos de

apego que lhe fornecem segurança, definimos como nosso problema de pesquisa: como o professor dessa criança atua no período de adaptação tendo que lidar com o distanciamento da criança em relação às pessoas ou aos objetos com os quais é apegada?

O objetivo principal desta pesquisa foi de investigar como o professor atua no período de inserção na educação infantil para promover a adaptação da criança. Os objetivos específicos foram: verificar como o professor percebe as dificuldades de adaptação da criança à instituição de educação infantil; investigar quais as estratégias que o professor utiliza para adaptar a criança ao contexto da educação infantil; aferir quais informações o professor possui sobre comportamento de apego da criança a objetos e pessoas.

Apresentaremos, no segundo capítulo deste artigo, um referencial teórico dividido em três partes: a primeira trata sobre um breve histórico da educação infantil no Brasil, a segunda fala sobre o processo de adaptação da criança ao CEI (Centro de Educação Infantil) e a terceira versa sobre a Teoria do Apego de Bowlby.

Após o referencial teórico, o terceiro capítulo traz a metodologia utilizada para a realização da pesquisa, e o quarto capítulo se ocupa da discussão dos resultados distribuídos em 3 categorias definidas a partir dos objetivos específicos da pesquisa: as (i) *dificuldades enfrentadas pelos professores no processo de adaptação*; (ii) *as estratégias utilizadas pelas professoras para adaptar a criança* e (iii) *procedimentos das professoras e instituições em relação ao apego da criança a objetos*. O último capítulo contempla as considerações finais referentes à pesquisa realizada.

O presente trabalho visa contribuir para uma melhor compreensão sobre a adaptação das crianças na educação infantil, bem como para a formação de professores que atuam ou irão atuar nessa área. Ademais, esta pesquisa se faz relevante pelo fato de que existem pesquisas feitas sobre o processo de adaptação a partir desta perspectiva teórica que diz respeito à Teoria do Apego.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve Histórico da Educação Infantil no Brasil

A educação infantil no Brasil nem sempre teve destaque na formação das crianças. Antes de assumir as características que possui atualmente, era concebida a partir de um caráter assistencialista, objetivando suprir as necessidades da criança no cuidado com o corpo, saúde e alimentação, sem muita preocupação com a sua formação para o exercício da cidadania. (KUHLMANN, 2001).

É somente a partir de 1988, com a Constituição da República Federativa do Brasil, que a educação infantil vai se configurar como um direito da criança e dever do Estado. (BRASIL, 1988). Em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) reafirma esse direito e, mais tarde, em 1996, de acordo com a Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – a educação infantil passa a se caracterizar como a primeira etapa da Educação Básica atendendo crianças de 0 a 5 anos e 11 meses de idade. Assim, torna-se dever do Estado oferecer educação gratuita para as crianças, sendo que as instituições de Educação Infantil passam a ter por finalidade o trabalho com o desenvolvimento das crianças de forma integral, complementando assim a ação educativa da família e da comunidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) concebem a Educação Infantil como

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. (BRASIL, 2010, p.14).

Por conseguinte, o ambiente social da criança, antes em sua maior parte restrito à família ou às pessoas com algum grau de parentesco, amplia-se de maneira que esta criança passa a conviver com outros adultos e crianças sem nenhum vínculo consanguíneo ou legal. Dessa forma, necessita se apropriar de outras normas sociais, dividir seu espaço com outras pessoas, dividir os seus objetos e brinquedos, compartilhar brincadeiras e atividades (GONÇALVES; DAMKE, 2007). Quando a criança é inserida nesse novo espaço – o da Educação Infantil – ela pode ter um estranhamento inicial, expressando dificuldades para se adaptar às novas configurações, o que pode ser expresso a partir do medo e da ansiedade.

O processo de aprender e conviver nesse novo grupo, buscando outras referências sociais no ambiente para ajudá-la quando sentir necessidade, além do fato de precisar se organizar e se adaptar a uma nova rotina – vivenciando o distanciamento do convívio familiar – nos remetem aos aspectos e desafios relacionados ao período de adaptação na instituição de Educação Infantil. Desse modo, é necessário compreender também que esse período pode variar de criança para criança, a depender de sua relação com os cuidadores, das experiências anteriores, de características do novo ambiente, do professor e, também, de seus colegas.

2.2 O período de adaptação ao CEI

Compreendemos que o período de adaptação ao CEI diz respeito ao primeiro contato da criança com a instituição de Educação Infantil, tanto no início quanto no decorrer do ano letivo, tendo a criança frequentado ou não o CEI em outros anos. Para Novaes (1976, p.17) a adaptação está relacionada à “modificação necessária do indivíduo para responder às circunstâncias, sugerindo vinculação do indivíduo com o meio, como tal, implica processo dinâmico referente a tais condições”. Dessa forma, ao trabalhar com crianças em fase de adaptação à Educação Infantil, o professor carrega grandes responsabilidades, ou seja, necessita construir um vínculo com a criança, acolhendo-a da melhor maneira possível, além de lidar com a insegurança que esta traz consigo por estar entrando em um novo ambiente.

Conforme Nascimento (2017), a adaptação não é um processo que ocorre somente com as crianças, mas também com o próprio professor e com a escola – ainda que se trate de uma situação adaptativa diferenciada – uma vez que são estes que necessitam buscar estratégias para melhor inserir aquelas no contexto novo. Além disso, há outros indivíduos envolvidos nesse processo que são os pais ou familiares da criança que, como ela, também acabam por vivenciar a inserção de diversas maneiras. Neste sentido, torna-se fundamental o estabelecimento de uma relação de confiança entre professores, pais e crianças. “O educador também precisará se adaptar, descobrindo pouco a pouco, nesta criança e nesta família, seus novos parceiros do dia-a-dia” .(ROSSETI-FERREIRA, 2007, p.48).

No momento de adaptação, assim como durante todo o desenvolvimento da criança, os cuidados que a instituição, os pais e os professores tem com os pequenos merecem atenção. De acordo com a Constituição Brasileira de 1988, o cuidado é essencial para o desenvolvimento integral das crianças. Cuidar envolve estar atento à alimentação, à higiene, à proteção, à saúde, sendo que as necessidades afetivas como carinho e amor também são essenciais para o

desenvolvimento biológico, emocional e intelectual. Considerar a realidade social e cultural de cada criança também é algo importante.

Sobre isso, Strenzel (2000, p.3) defende a proposição de que neste período de ambientação, a criança não pode ser considerada como “um sujeito passivo que se submete, se acomoda, se enquadra a uma dada situação”. A criança estará em um novo ambiente, tendo que lidar com a separação de seus familiares, além que conviver com pessoas ainda desconhecidas. Portanto, sentir-se insegura e chorar são reações normais da criança, denotando uma necessidade de compreensão e acolhimento por parte do professor.

Dessa forma, a maneira com a qual o professor vai se relacionar com a criança durante esse ciclo adaptativo a Instituição de Educação Infantil pode fazer toda diferença. De acordo com Ladwing, Goi e Souza (2013 p. 12-13),

A educação infantil pode representar na vida de uma criança uma experiência rica que trará sempre lembranças agradáveis, como também pode ser geradora de muitos problemas. Por esta razão, a necessidade de acolher bem a criança no ingresso à escola. Ela chega à escola com medos, angústias, inseguranças, pois é um ambiente novo. Enfim, todo um processo novo de adaptação que terá que ter um ambiente acolhedor e prazeroso para que, aos poucos, vá superando esses sentimentos.

Diante do exposto, acreditamos que a Teoria do Apego, assunto da próxima subseção, traz contribuições para uma melhor compreensão acerca das reações das crianças ao serem separadas de seus familiares e passarem a conviver com outras pessoas.

2.3 A Teoria do Apego

O psicólogo, psicanalista e psiquiatra John Bowlby foi quem estruturou a Teoria do Apego, a partir de um estudo solicitado pela Organização Mundial da Saúde em 1951. Nessa investigação, o autor pesquisou os vínculos existentes entre crianças de 0 a 3 anos e suas mães, ou com outras pessoas que exerciam a função de cuidadores primários. “Neste estudo ele ressaltou as influências negativas, para o desenvolvimento da personalidade, do cuidado materno inadequado na primeira infância e os efeitos de separações neste período”. (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p.82).

Embora Bowlby tenha desenvolvido seus estudos voltados para a área da saúde e situações de abandono, o estudo de sua teoria traz grandes contribuições para a educação, visto que colaboram para reflexões acerca das necessidades e do desenvolvimento humano. A Teoria do Apego, portanto, possibilita-nos uma melhor compreensão sobre a *ansiedade de separação*

que as crianças vivenciam ao se afastar dos cuidados e dos familiares no momento em que iniciam a fase de adaptação nas instituições de Educação Infantil.

Com base nessa teoria, então, podemos entender melhor as razões pelas quais a criança, ao ser afastada de seus pais ou familiares, demonstra insegurança. Assim, o “sistema de apego é um constructo organizacional que descreve a complexa gama de emoções, comportamentos, cognições e modelos de funcionamento interno envolvidos no esforço infantil de manter em um nível confortável o sentimento de segurança”. (KIRKPATRICK; SHAVER apud AUGUST; SPERANDIO, 2015, p. 2).

Por conseguinte, a pessoa a quem a criança é apegada, seja ela mãe, pai ou outro familiar, fornece a ela segurança, além de representar uma referência social. Ao ser deixada na instituição, um ambiente com o qual ela ainda não possui familiaridade, é esperado que a criança reaja com o choro e protestos por se sentir insegura, devido ao afastamento e à ausência da pessoa com a qual é apegada. Para Bowlby, “nenhuma forma de comportamento é acompanhada por sentimento mais forte do que o comportamento de apego”. (BOWLBY, 1989 apud AUGUST; SPERANDIO, 2015, p.3).

J. Bowlby (1989) considerou o apego como um mecanismo básico dos seres humanos. Ou seja, é um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema de controle homeostático, que funciona dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais. O papel do apego na vida dos seres humanos envolve o conhecimento de que uma figura de apego está disponível e oferece respostas, proporcionando um sentimento de segurança que é fortificador da relação. (CASSIDY, 1999 apud DALBEM; DELL’AGLIO, 2005, p.14).

A psicóloga do desenvolvimento Mary Ainsworth (1978) desenvolveu pesquisas que trouxeram outras contribuições para a Teoria do Apego, principalmente porque introduziram na teoria a ideia dos padrões de apego existentes, a saber: apego seguro, apego inseguro evitativo, apego inseguro ambivalente e apego desorganizado. Ainsworth desenvolveu o método experimental que denominou de Situação Estranha, no qual ela observava reações de crianças na interação com seu cuidador em um contexto de separação. A partir desse experimento, a autora definiu os padrões de apego anteriormente citados.

De acordo com M. Ainsworth (1978 apud DALBEM; DELL’AGLIO, 2005, p.17), o padrão seguro ocorre quando a criança explora o ambiente, separada de seus cuidadores, sem demonstrar insegurança, pois ambos têm uma base segura de relacionamento. Já o padrão resistente ou ambivalente é quando a criança, ao separar-se de seus cuidadores, demonstra pouco interesse em explorar o ambiente e não se aproxima de pessoas estranhas, sendo que

quando o cuidador retorna, demonstra brabeza¹. As crianças pertencentes ao padrão evitativo permanecem tranquilas quando separadas de seus cuidadores. Já as crianças do padrão desorganizado, ou desorientado, ficam apreensivas ao interagir com outras pessoas, mostrando-se perturbadas e apresentando expressões de brabeza.

O estudo sobre esses padrões de apego possibilita uma melhor análise e compreensão sobre os comportamentos diversos das crianças em fase de adaptação na Educação Infantil. Indicam ainda os padrões de apego e sentimentos de insegurança ou segurança da criança ao ambiente no qual ela se encontra e aos seus cuidadores, assim como de seus próprios pais.

Um outro fato que merece atenção é que além do apego aos pais, a criança também demonstra apego a algum objeto e expressa uma necessidade de permanecer com ele quando separada de seus cuidadores. Winnicott (1975) traz contribuições para que possamos compreender essa situação pois, de acordo com o autor, as mães, ao disponibilizarem tal objeto para os filhos, já esperam que estes se apeguem a ele, compreendendo que isto lhes trará maior segurança. Como consequência, a criança, quando apegada ao objeto, tem nele uma sensação de proteção e defesa em relação a sua própria ansiedade.

¹ Termo utilizado por M. Ainsworth (1978)

3 METODOLOGIA

Os procedimentos quanto à abordagem desta pesquisa assumem caráter qualitativo. De acordo com Minayo (1994),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p.21-22).

Assim, a preocupação desta investigação não se reduz a dados numéricos, mas procura a compreensão sobre o tema pesquisado que é “A adaptação de crianças na Educação Infantil: a atuação do professor”. Dessa forma, trata-se de uma investigação exploratória a partir do levantamento de dados por meio de entrevista.

A escolha pela realização da entrevista ocorreu com base no que aborda Duarte (2004) sobre esse método.

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados. (DUARTE, 2004, p.215).

Para a coleta e análise de dados, foi utilizada, como instrumento metodológico, uma entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas quatro professoras que atuam na Educação Infantil em uma instituição privada e oito de uma instituição pública. A escolha pela instituição pública ocorreu pelo fato de ser uma instituição construída recentemente, com todos os cuidados arquitetônicos para receber crianças, assim como por possuir vínculo com a Universidade Federal da Fronteira Sul, como campo de estágio. Já a escola da rede privada foi selecionada por ter sido uma das escolas sorteadas pelo MEC em 2017 para ter um acompanhamento do ensino, aprendizagem e estrutura presentes na instituição.

O projeto de pesquisa foi submetido ao comitê de ética da Universidade Federal da Fronteira Sul, obtendo sua aprovação por meio do parecer número 2.657.701. Foi apresentado

à Secretaria Municipal de Educação e as instituições de ensino da rede pública e privada, com o objetivo de informar e solicitar, aos responsáveis, a autorização para a realização da pesquisa.

Adquirida a autorização para a realização da pesquisa, o passo seguinte foi ir até a instituição pública com a carta de apresentação, emitida pela Secretaria Municipal de Educação, e apresentar o projeto de pesquisa para a gestora da instituição, estipulando dois dias da semana para a realização da coleta de dados. No dia marcado, a gestora do Centro de Educação Infantil Municipal encaminhou as pesquisadoras para a sala dos professores e as apresentou para o grupo. Além disso, também as orientou a permanecer ali e abordar os participantes em seus horários de planejamento. Nos horários de planejamento das professoras, elas iam sendo abordadas e sendo informadas e convidadas a participar da pesquisa.

A maioria das professoras preferiu escrever suas respostas no lugar de gravar sua voz. A medida que as participantes iam escrevendo, as entrevistadoras liam as respostas e esclareciam eventuais dúvidas que surgiam no local. Somente uma professora aceitou gravar sua entrevista. A coleta nesta instituição ocorreu somente no período matutino, pois a direção informou que os professores que trabalhavam no turno da manhã eram os mesmos do turno da tarde.

Na instituição privada, após a autorização da gestão para a realização da pesquisa, optou-se pela marcação de um dia específico para realizar as entrevistas com as profissionais. Dessa forma, a pesquisa foi realizada no período matutino, na sala dos professores, em horário de planejamento, após apresentação do Termo de Consentimento. Como o horário de planejamento é reduzido em comparação com a instituição pública, a maioria das professoras preferiu, do mesmo modo, escrever suas respostas.

Nas duas instituições participantes da pesquisa, os critérios para participação das professoras foram: ter no mínimo 18 anos; concordar em responder às questões, através da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO I); possuir graduação em Pedagogia e experiência mínima de seis meses ou experiência em Educação Infantil por pelo menos 2 anos. O critério de exclusão da pesquisa foi possuir vínculo de proximidade com as pesquisadoras. A entrevista foi realizada pelas duas pesquisadoras com um professor a cada vez.

Todos os professores regentes de turma das duas instituições foram convidados pessoalmente a participarem da pesquisa. Os professores entrevistados atuam do berçário à pré-escola, sendo que na escola da rede privada foi entrevistada uma professora que atua no

maternal e três que atuam no pré. Já na rede pública, foi entrevistada uma professora que trabalha com o berçário, três com o maternal, uma com maternal e pré e três com o pré.

No que se refere à formação, na rede privada três professoras não possuem outro curso além da graduação e uma informou que possui pós-graduação. Na rede pública, a maioria das entrevistadas possui pós-graduação em Educação Infantil, com exceção de uma. O tempo de atuação profissional das entrevistadas da rede privada variou entre 3 e 10 anos, enquanto da rede pública entre 2 e 17 anos.

Para a análise de conteúdo, foi realizada a transcrição de todas as respostas e quantificadas as que mais se repetiam. Após esse procedimento, as respostas foram organizadas em categorias definidas a partir dos objetivos específicos desta pesquisa. O passo seguinte foi o de analisar as respostas e discuti-las à luz do referencial teórico estudado.

Esta análise de conteúdo teve por subsídio teórico Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47).

Ainda de acordo com Bardin (2011), a análise de dados prevê três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação.

4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O processo de adaptação vivenciado pelas crianças e famílias na Educação Infantil, tanto no início do ano letivo quanto no decorrer deste, é permeado por diversas situações que exigem atenção do professor. O modo como esse processo é percebido pelo docente está relacionado ao seu conhecimento, suas habilidades e competências para lidar com as demandas provenientes do período. Nesse sentido, alguns aspectos podem ser experienciados com maior ou menor dificuldade, o que nos alerta sobre possíveis lacunas na formação docente ou na capacidade de resolução de problemas.

Existem, nas instituições participantes, dois períodos de adaptação, o subjetivo e o temporal. O *período de adaptação subjetivo* é compreendido como um processo em que a criança deixa de exibir comportamentos indicativos de que ainda não se adaptou, como choro, insegurança, o carregar objetos etc. Conforme relatado pelas professoras, varia de criança para criança, podendo se estender ao longo dos dias e meses. Já o *período de adaptação temporal* diz respeito a um tempo determinado pelas instituições – dias definidos no início do ano letivo – para que a criança possa se familiarizar com o espaço, resultando em estratégias específicas para tal.

O período de adaptação temporal ocorre na escola pública durante uma semana, sendo que a quantidade de horas que a criança fica na instituição vai aumentando gradativamente. Já na escola privada, esse tempo depende muito da disponibilidade dos pais da criança. Embora haja uma proposta inicial de o tempo ir aumentando gradativamente, há casos em que a criança fica em período integral desde o primeiro dia, pois os pais precisam trabalhar e não conseguem buscar as crianças em horários diferenciados.

Rizzo (1999) defende que para cada turma da Educação Infantil existe um período de adaptação que deve ser respeitado. De acordo com a autora, turmas do berçário apresentam menos problemas para se adaptar, sendo que 2 ou 3 dias de adaptação já seriam suficientes. Já para turmas de maternal, cujas crianças sentem maior insegurança, a autora sugere que o período de adaptação temporal possa ser de até 15 dias. Para turmas de pré, 1 semana já seria suficiente.

Para uma melhor compreensão sobre a atuação do professor tanto no período de adaptação temporal quanto no subjetivo, as categorias de análise foram definidas a partir dos objetivos específicos desta pesquisa e pretendiam contemplar as respostas dadas ao questionário apresentado aos participantes. Dessa forma, definimos três categorias, a saber: (i) *as dificuldades enfrentadas pelos professores no processo de adaptação*; (ii) *as estratégias*

utilizadas pelas professoras para adaptar a criança e (iii) procedimentos das professoras e instituições em relação ao apego da criança a objetos. A seguir apresentaremos uma discussão acerca de cada categoria.

4.1 Dificuldades enfrentadas pelos professores no processo de adaptação

Durante as entrevistas, as professoras foram questionadas sobre as principais dificuldades enfrentadas por elas para a adaptação das crianças ao contexto da Educação Infantil. Dentre as dificuldades mais citadas pelas entrevistadas, o sentimento de insegurança – tanto dos pais ao deixarem seus filhos na creche quanto das crianças ao passarem a conviver com pessoas “estranhas” e em um novo ambiente – foi o que apareceu com maior frequência. O sentimento de insegurança decorre da atribuição ou não da capacidade de cuidar e responder às necessidades da criança que os pais podem ter ao decidir deixar seus filhos aos cuidados de terceiros (MELO, 2008). A insegurança foi mencionada por professoras da escola privada (1) e da escola pública (6). De acordo com Melo (2008),

(...) muitos pais sentem-se inseguros quando da entrada dos filhos na creche/pré-escola, necessitando de suporte emocional neste momento. Eles têm que lidar com os sentimentos de insegurança e com novas relações com as pessoas que cuidarão de seus filhos. As crianças, por sua vez, vivenciam modificações de relações com ampliação de ambientes e do número de pessoas, o que pode afetar seus sentimentos de bem-estar e o curso de seu desenvolvimento. (MELO, 2008, p.39).

Na fala das professoras, a insegurança dos pais, quando demonstrada e percebida pela criança, pode levar a maiores dificuldades no processo de adaptação.

As crianças estão demonstrando um pouco mais de dificuldades no momento de permanecer no CEIM. Algumas levam semanas para se sentirem seguras. Muitas vezes os pais acabam deixando-as inseguras. (Entrevistada I, escola pública).

As dificuldades são observadas com maior frequência no início do ano letivo, no qual as crianças demonstram mais resistência ao distanciar-se de seus familiares por um período. Percebemos ainda, que quanto maior a insegurança dos pais, maior a dificuldade das crianças em se adaptarem. (Entrevistada II, escola pública).

Durante o período de adaptação percebo que as crianças se sentem inseguras, e que as famílias também não passam muita segurança para elas, onde torna este processo mais doloroso. (Entrevistada VI, escola pública).

As professoras não estão erradas ao afirmarem que a criança, ao perceber seus pais inseguros, também acaba ficando insegura. É o que nos mostra o estudo sobre a referenciação social.

Quando, diante de um desconhecido ou de um novo brinquedo, o bebê olhar para o seu cuidador, isso significa que ele estará estabelecendo uma referência social. Com essa atitude a criança procura informação emocional para orientar seu comportamento. Na referência social, a pessoa é levada à compreensão de como agir numa situação ambígua, confusa ou não familiar, verificando e interpretando a percepção que outro indivíduo tem dessa situação. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.225).

Portanto, o que as entrevistadas apontaram está de acordo com o que demonstra esse estudo. Em outras palavras, é esperado que a criança se sinta insegura se perceber a insegurança dos seus pais ao deixá-la na instituição, daí a importância dos pais estarem seguros e demonstrarem segurança para seus filhos. As crianças têm os pais como referência social, e se os pais, por meio de expressões e de seu comportamento não verbal, dizem que o ambiente é inseguro ou seguro, isso vai repercutir no modo como a criança se sente e age naquele espaço.

Segundo o Referencial Curricular Nacional (1998), algo que causa muita ansiedade tanto nos pais quanto nos professores é o choro da criança ao se separar de seus familiares. Conforme Jacob (2004), crianças menores têm dificuldades em entender que os pais vão retornar para buscá-las, pois para elas o tempo é um mistério. Dessa forma, ao passar insegurança para seus filhos, os pais acabam por dificultar ainda mais o processo de adaptação à Educação Infantil. Assim, torna-se necessário que o professor dialogue com os familiares da criança a fim de tranquilizá-los. (MELO, 2008).

Mesmo tendo mencionado a insegurança dos pais no processo de adaptação, ao serem questionadas se era permitido aos pais acompanharem seus filhos nesse momento, as entrevistadas foram unânimes em responder que não. Duas professoras acrescentaram que os pais devem ser breves na despedida e que a presença dos pais dificultaria ainda mais a adaptação das crianças.

Os pais não acompanham as crianças em sala, até porque isso dificulta a adaptação. (Entrevistada V, escola pública).

Os pais devem entregar as crianças ao educador e ser breve na despedida. (Entrevistada VII, escola pública).

A orientação de “ser breve” parece ser uma estratégia das professoras para reduzir as pistas/sinais que os pais podem apresentar ao se despedirem dos filhos. Contudo, Rizzo (1999) defende que para uma melhor adaptação da criança na instituição de Educação Infantil, a presença dos pais seria indispensável. Porém, esses pais poderiam ficar na sala de espera e não na sala junto com a criança.

A entrada da mãe na sala dificulta a compreensão da separação e adia, interminavelmente, o período de adaptação. De outro lado, a permanência de uma mãe na sala perturba a tranquilidade de outras crianças e, pelos dois motivos, deve ser evitado. (...) O importante é que a criança saiba onde a mãe está e tenha a permissão de ir e vir à vontade, da sala até ela, quantas vezes precisar. Se possível, a mãe deve ficar visível próxima a entrada da sala. (RIZZO, 1999 p. 231-232).

Em parte as respostas das professoras condizem com o que defende Rizzo (1999), quando falam que a permanência dos pais na sala de atividades dificultaria o processo de adaptação. Por outro lado, as entrevistadas não relataram se é permitido aos pais permanecerem em um outro ambiente, dentro da instituição, durante o período, ou mesmo se usam estratégias para acolher e responder aos sentimentos de insegurança dos pais.

Os estudos de Bolwby (1989; 1990) e Mary Ainsworth (1978) apontam para a necessidade do convívio da criança com sua mãe e outros cuidadores primários e trazem contribuições importantes para a compreensão da insegurança das crianças ao serem afastadas dos familiares. De acordo com Brum e Schermann (2004), ao tratarem sobre a Teoria do Apego de Jhon Bolwby,

(...) o vínculo da criança com a mãe, chamado por ele de apego, tem uma função biológica que lhe é específica e é o produto da atividade destes sistemas comportamentais que têm a proximidade com a mãe como resultado previsível. Portanto, ao longo do desenvolvimento, a criança passa a revelar um comportamento de apego que é facilmente observado e que evidencia a formação de uma relação afetiva com as principais figuras deste ambiente. (BRUM; SCHERMANN, 2004, p.459).

A criança ao ser inserida em um novo ambiente, no caso o da Educação Infantil, passará a conviver com pessoas estranhas e terá que, ainda que por algumas horas, separar-se das pessoas das quais é apegada. Portanto, é normal que nesse momento ela se sinta insegura, pois a figura de apego que lhe fornecia segurança não está em seu campo de visão. As novas pessoas que irão conviver com a criança no ambiente da Educação Infantil – professoras e auxiliares de classe – poderão desenvolver com esta criança, no decorrer do tempo, um vínculo afetivo, o qual poderá transmitir para a criança uma maior segurança em estar naquele ambiente.

Mary Ainsworth (1978) definiu os padrões de apego existentes: apego seguro, apego inseguro evitativo, apego inseguro ambivalente e apego desorganizado, como mencionado em momento anterior. Ao tratar sobre as crianças pertencentes ao padrão evitativo, a autora afirma que são crianças que evitam o cuidado e a proteção das figuras de apego quando vivenciam uma situação de estresse. De acordo com Dalbem e Del' Alglio (2005),

A partir de suas observações, M. Ainsworth (1967) também sugeriu que essas crianças deixam de procurar os cuidadores após terem sido rejeitadas, de alguma maneira, por eles. Apesar de os cuidadores demonstrarem preocupação, não correspondem aos sinais de necessidade quando a criança os indica.(DALBEM; DEL'AGLIO; 2005, p.18).

Portanto, para estabelecer um vínculo afetivo com a criança, no período de adaptação à Educação Infantil, é importante que o professor esteja atento às necessidades demonstradas pela criança, e saiba como agir com as demonstrações de insegurança que ela apresenta, como o choro e a não interação e participação nas atividades.

Além disso, as entrevistadas citaram na categoria dificuldades o momento de separação entre pais e filhos quando estes são deixados no CEI n=(2), além da dificuldade de fazer com que as crianças entrem na rotina n=(. Duas professoras que trabalham com turmas de pré afirmaram não vivenciarem tais dificuldades pois, segundo elas, as crianças com as quais trabalham são maiores e a grande maioria já frequentou o CEI em outros anos, o que faz com que se adaptem bem ao espaço. Diante do exposto, ao compararmos as respostas das professoras da rede privada com as da rede pública, dentro da categoria dificuldades, não percebemos diferenças.

4.2 As estratégias utilizadas pelas professoras para adaptar a criança

As professoras foram questionadas sobre as estratégias que utilizam para melhor adaptar a criança ao contexto da Educação Infantil. Dentre as estratégias citadas, aquela que apareceu com maior frequência (apontada por 7 das entrevistadas) foi o desenvolvimento de atividades lúdicas. A maioria das entrevistadas (5) entendem por atividades lúdicas jogos, brincadeiras, músicas, parque e brinquedoteca. Outras apenas mencionaram o uso dessas atividades sem dizer o que elas compreendem por lúdico (2).

O uso de atividades lúdicas na Educação Infantil se torna importante não somente na fase de adaptação da criança, mas durante todo ano letivo. De acordo com Vygotsky (1994, p. 81) “de uma forma geral o lúdico vem a influenciar no desenvolvimento da criança”. Nesse sentido, destaca-se a importância da compreensão do professor da Educação Infantil acerca do conceito de ludicidade e da relevância deste para o desenvolvimento. Além disso, é preciso que os professores compreendam que essas atividades necessitam de uma finalidade (objetivo) no momento de seu planejamento e execução.

Além disso, foi mencionada também como estratégia o uso de um projeto específico para a adaptação, feito no início do ano letivo e que tem como objetivo proporcionar uma melhor adaptação da criança na Educação Infantil. Esse projeto contempla atividades lúdicas – como o brincar, ouvir histórias, ouvir canções – ou seja, ações que, a princípio, apresentam maior probabilidade de despertar nas crianças o interesse e entusiasmo.

Olha a estratégia a gente faz um projeto em torno da adaptação dentro do currículo e aí você envolve atividades mais lúdica você procura mais brincar mais cantar você vai percebendo que chama mais atenção deles né então você parte por aquilo que eles estão gostando mais de fazer né e sem forçar muito pra que a criança não se tornar chato mais..é... assim tentar fazer tudo bem lúdico mais descontraído que seja mais prazeroso (...) (Entrevistada VIII, escola pública).

Outra estratégia utilizada na rede pública é a busca de informações diretamente com os pais através da “anamnese” que é realizada no início do ano. A “anamnese” é um questionário entregue para os pais ou familiares da criança, no primeiro dia do ano letivo, para que descrevam informações sobre a criança como, por exemplo, seus hábitos e costumes, se possui alergia a algum alimento etc.

Ao início de cada ano letivo é realizada uma entrevista com os pais (anamnese), na qual obtemos diferentes informações importantes sobre a criança. (Entrevistada II, escola pública).

As professoras também citaram outras estratégias: proporcionar um ambiente acolhedor e estimulante; deixar que as crianças fiquem com seus objetos de apego; acolhimento; voz calma; conversar bastante com as crianças e criar vínculos. Importante mencionar que as entrevistadas somente citaram estas estratégias sem explicar como as realizam. A maioria das professoras mencionou, de forma geral, a utilização de mais de uma estratégia.

Proporcionar um ambiente agradável, acolhedor com atividades lúdicas e prazerosas as quais ocupem o processo de separação vivido pela criança, proporcionando a interação e socialização com os demais colegas. (Entrevistada I, escola privada).

Quanto às estratégias, procuro me informar com os pais suas preferências, se usa bico, mamadeira etc... e no primeiro momento o uso disso para acalmá-la, depois tento criar vínculos de amizade e segurança com a professora e colegas. (Entrevistada II, escola privada).

O acolhimento, deixar a criança perceber que no espaço da educação infantil ela vai ficar protegida e amada pelos seus educadores. (Entrevistada IV, escola privada).

Prezamos para que a criança se sinta bem, músicas infantis, parque, brinquedoteca etc. A voz calma também ajuda muito nesse momento. (Entrevistada V, escola pública).

Procuo conversar bastante com as crianças, demonstrando carinho e atenção para poder assim, criar um laço afetivo e transmitir segurança. (Entrevistada VI, escola pública).

As estratégias mencionadas pelas entrevistadas VI da instituição pública e II da privada vem ao encontro com a Teoria do Apego, uma vez que tratam da importância de se estabelecer um laço afetivo com a criança para assim transmitir a ela maior segurança. A Tabela 1, abaixo, busca sintetizar as estratégias mencionadas pelas entrevistadas.

Tabela 1 - Estratégias utilizadas pelas entrevistadas

Estratégias	Instituição pública	Instituição privada
Atividades lúdicas	5	2
Projeto específico	2	-
Conversa com os pais	-	1
Anamnese	4	-
Ambiente aconchegante e estimulante	1	2
Deixar que a criança fique com objetos de apego	1	-
Voz calma	1	-
Conversar bastante com a criança	2	-
Criar vínculos	1	1
Acolhimento	-	1
Aumento gradativo de horas	5	1

Fonte: as autoras, 2018.

De acordo com os dados da Tabela 1, podemos perceber que na instituição pública as entrevistadas descreveram mais estratégias que as da instituição privada. Um fator que pode servir para explicar essa diferença é o tempo de atuação e a formação das entrevistadas.

Conforme dados da Tabela 2 e Tabela 3, abaixo, pode-se perceber que embora o tempo de atuação das entrevistadas da escola privada seja superior a dois anos, das 4 professoras que

participaram da pesquisa, 3 não possuem outro curso além da graduação e apenas uma informou que possui pós-graduação. Dessa forma, o tempo de atuação varia de 3 a 10 anos. Já na escola pública, a maioria das entrevistadas possui pós-graduação em Educação Infantil, com exceção de uma, e o tempo de atuação varia entre 2 a 17 anos.

Tabela 2 - Tempo de atuação e formação das entrevistadas da instituição pública

Entrevistadas da instituição pública	Tempo de atuação	Formação	Capacitação
Entrevistado 1	8	Pedagogia	Pós-graduação em Educação Infantil
Entrevistado 2	2	Pedagogia	Mestrado em andamento
Entrevistado 3	2	Pedagogia	-
Entrevistado 4	2	Pedagogia	Mestrado em Educação
Entrevistado 5	4	Educação Física	Pós-graduação em Educação Infantil e Ensino Fundamental
Entrevistado 6	14	Pedagogia	Pós-graduação em Educação Infantil
Entrevistado 7	2	Pedagogia	-
Entrevistado 8	17	Pedagogia	Pós-graduação em Educação Infantil e Anos Iniciais; Pós-graduação em Educação Especial; Pós-graduação em Psicopedagogia.

Fonte: as autoras, 2018.

Tabela 3 - Tempo de atuação e formação das entrevistadas da instituição privada

Entrevistadas da instituição privada	Tempo de atuação	Formação	Capacitação
---	-------------------------	-----------------	--------------------

Entrevistada 1	4	Pedagogia	Pós-graduação em Educação Infantil e anos iniciais
Entrevistada 2	3	Pedagogia	-
Entrevistada 3	6	Pedagogia	-
Entrevistada 4	10	Pedagogia	-

Fonte: as autoras, 2018.

Ortiz (2012, p. 55-56) menciona algumas estratégias que podem ser utilizadas pelo professor da Educação Infantil para melhor adaptar a criança nesse contexto, como por exemplo:

- Atendimento individualizado aos pais para o conhecimento da criança e de sua história assim como esclarecimento de dúvidas e trocas de expectativas;
- Reuniões coletivas de pais com apresentação de fotos ou vídeos sobre a proposta educacional da creche;
- Distribuição de textos ou pequenos fôlderes que destacam aspectos fundamentais deste momento;
- Aumento gradativo no número de horas que o bebê fica na creche ao longo da primeira e segunda semanas;
- A cada dia da semana começar a adaptação de apenas uma ou duas crianças, evitando que todas cheguem no primeiro dia;
- Permitir a presença de um familiar durante a adaptação, no início na própria sala de espera da creche;
- Permitir que o familiar participe das primeiras refeições na creche;
- Manter o número reduzido de bebês e crianças pequenas para cada educadora;
- Evitar ao máximo a troca de educadoras, facilitando o estabelecimento de uma relação estável com o bebê;
- Oferecer oficinas e atividades que iniciem com a interação entre pais, bebês e educadores;
- Rodas de conversa com as famílias;
- Cantos com fotografias das famílias e objetos conhecidos das crianças, etc.

Na fala das professoras, as estratégias que se assemelham às de Ortiz (2012) são a conversa com os pais da criança para conhecê-la melhor e o aumento gradativo de horas nas primeiras semanas. As estratégias apontadas pelas entrevistadas são mais voltadas para a criança, enquanto as estratégias mencionadas por Ortiz (2012) estão mais voltadas para um trabalho a ser realizado junto com os pais das crianças. Dessa forma, percebe-se que são muitas as dificuldades enfrentadas pelos pais das crianças, impedindo-os de participar ativamente do processo de adaptação à Educação Infantil. Dentre essas dificuldades podemos citar, principalmente, a sua carga horária de trabalho.

Ortiz (2012) destaca aspectos relacionados a forma como o professor poderia proceder no período de adaptação da criança na Educação Infantil, uma vez que traz a possibilidade de os pais serem participantes ativos durante esse processo. A participação ativa dos pais pode ser uma estratégia importante para diminuir os seus sentimentos de insegurança e os das crianças, conforme mencionado na categoria anterior.

4.3 Procedimentos das professoras e instituições em relação ao apego da criança a objetos

Algumas perguntas da entrevista foram voltadas para a questão do apego da criança a objetos e pessoas. Dentre estas podemos destacar as seguintes: Possui alguma informação sobre comportamento de apego da criança a objetos e pessoas? Já verificou que alguma criança exibia apego a algum objeto? Qual? Como procedeu a respeito? Como em geral procede? Sobre o uso de objetos de apego da criança, há alguma orientação da instituição?

Três professoras locadas na instituição privada mencionaram que observam em suas turmas que algumas crianças são apegadas a objetos. Dentre esses os mais frequentes são bico, nanas² e ursos. Ao serem questionadas sobre a maneira com a qual procedem nessa situação de apego, suas respostas apontaram caminhos de ações diferenciados. Uma professora disse que deixa o objeto com a criança somente no *período de adaptação temporal*. Outra professora, por outro lado, respondeu que deixa usar somente para dormir, já a outra entrevistada deixa que a criança utilize o objeto de apego quando sentir necessidade. Uma das entrevistadas respondeu que não observa na turma apego das crianças a objetos.

Além disso, as professoras foram divergentes em suas respostas ao falarem sobre a orientação da instituição sobre o uso de objetos de apego. Duas falaram que a instituição não passa nenhuma orientação, enquanto uma relatou que é orientada a deixar a criança utilizar no tempo destinado a adaptação, e a última mencionou que a orientação é para deixar a criança utilizar enquanto se sentir insegura.

Nas respostas das professoras da instituição pública, três professoras responderam que as informações que possuem sobre o comportamento de apego são resultado da “anamnese” realizada com os pais. Duas responderam que observam esse comportamento nas turmas em que atuam. Além disso, uma afirmou que possui algumas leituras, porém não mencionou quais,

² Cobertas, paninhos, cobertores pequenos...

e duas não possuem nenhuma informação sobre o assunto. Ao questionarmos as professoras sobre quais objetos de apego são mais frequentes, responderam que são bicos, nanas e ursos (assim como na instituição privada). Sobre a forma que procedem diante da situação, cinco professoras responderam que deixam com a criança somente no tempo destinado a adaptação; duas não falaram como procedem e uma disse que deixa utilizar somente nas horas orientadas, ou seja, quando não há outra atividade.

Assim como no caso da instituição privada, as professoras locadas na instituição pública foram divergentes nas respostas ao relatarem a orientação da instituição diante do apego da criança a objetos. Três professoras responderam que a orientação é para deixar a criança utilizar no tempo de adaptação; duas falaram que a instituição não fornece nenhuma orientação; uma disse que a orientação é para que o professor proceda como achar melhor; uma respondeu que é para deixar a criança utilizar quando quiser e outra não respondeu.

Diante das respostas dadas pelas professoras, tanto da instituição privada quanto da pública, percebemos que a maioria das professoras observa em suas turmas que algumas crianças possuem apego a algum objeto. Os objetos mais frequentes se repetem em ambas as instituições, e são ursos, nanas e chupetas. Quanto ao uso de *objetos de apego*, há muitas questões em aberto, ou seja, o posicionamento das professoras diante do apego das crianças a objetos. Por exemplo: O que elas entendem por apego? Por que a criança é apegada a objetos? O que esse objeto significa para a criança? Por que permanecer com esse objeto é importante para a criança? Tal situação pode ter sido motivada pelo fato de as participantes terem optado por responderem ao questionário de forma escrita, além de serem breves em suas respostas. Também se percebe que em ambas as instituições não há uma orientação específica para as professoras quanto ao procedimento em relação a objetos de apego, sendo que as respostas foram divergentes em uma mesma instituição.

O uso de um *objeto de apego* é um recurso que a criança utiliza para regular suas próprias emoções em situações de estresse no seu cotidiano em casa e fora dela, está associado ao que é familiar, às situações de conforto e à segurança proporcionados pelos seus cuidadores. A permanência ou não deste objeto durante o período de adaptação vai depender da compreensão das pessoas envolvidas (ex: pais, professores e instituição) sobre seu papel no desenvolvimento da criança e as estratégias que eles irão utilizar para auxiliá-las a regular suas emoções sem o seu uso.

De acordo com Winnicott (1975), após alguns anos de vida, a criança se apega a algum objeto que lhe é oferecido por seus pais, o qual acaba fornecendo a ela um certo sentimento de

“defesa contra a ansiedade”. Esse objeto de apego é o que o pesquisador acaba definindo por *objeto transacional*. Dessa forma, o autor apresenta um resumo das “Qualidades Especiais na Relação” da criança com este objeto:

1. O bebê assume direitos sobre o objeto e concordamos com esse assumir. Não obstante, uma certa ab-rogação da onipotência desde o início constitui uma das características.
2. O objeto é afetuosamente acariciado, bem como excitadamente amado e mutilado.
3. Ele nunca deve mudar, a menos que seja mudado pelo bebê.
4. Deve sobreviver ao amar instintual, ao odiar também e à agressividade pura, se esta for uma característica.
5. Contudo, deve parecer ao bebê que lhe dá calor, ou que se move, ou que possui textura, ou, que faz algo que pareça mostrar que tem vitalidade ou realidade próprias.
6. Ele é oriundo do exterior, segundo nosso ponto de vista, mas não o é, segundo o ponto de vista do bebê. Tampouco provém de dentro; não é uma alucinação (...). (WINNICOTT, 1975, p.16).

A utilização desses objetos pela criança, tanto no *período de adaptação temporal* quanto no *período de adaptação subjetivo*, considerando as contribuições de Winnicott (1975), podem trazer benefícios para esses momentos, possibilitando um mecanismo de regulação das emoções negativas e o manejo por parte do professor do sentimento de insegurança. Sendo assim, trata-se de uma prática que poderia, sem prejuízos ao andamento da rotina diária, ser permitida pelos professores da Educação Infantil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desta pesquisa, cujo objetivo geral foi saber como o professor da Educação Infantil age no processo de adaptação da criança, tendo que lidar com o apego desta a pessoas e objetos, destaca-se que lidar com as emoções negativas advindas do período de adaptação é um dos principais desafios para os profissionais da Educação Infantil.

Na categoria “Dificuldades enfrentadas pelos professores”, verificou-se que a principal dificuldade percebida pelas profissionais foi lidar com a insegurança, tanto dos pais quanto das crianças. As entrevistadas afirmaram que as crianças ao sentirem seus pais inseguros também ficam inseguras. O estudo sobre “referenciação social”, descrito por Papalia e Feldman (2013), nos ajuda a compreender melhor esse fato, uma vez que afirma “que a criança procura informação emocional em seu cuidador para orientar seu comportamento” (PAPALIA; FELDMAN, 2013 ,p. 225)

Além disso, a realização deste estudo permitiu que observássemos que é pouco, ou quase inexistente, o conhecimento das profissionais sobre as relações de apego e acerca da Teoria de Apego de John Bolwby, mecanismo importante para compreender o porquê da existência da insegurança dos pais e das crianças.

Embora tenham mencionado a insegurança como principal dificuldade enfrentada, as entrevistadas relataram que não é permitido aos pais acompanharem os filhos na sala de atividades, não mencionando, contudo, se eles podem ficar em outro espaço da instituição. Nesse sentido, Rizzo (1999) argumenta sobre a participação dos pais no período de adaptação e sugere que fiquem em uma sala de espera na instituição. Em um momento inicial, conhecer o espaço, os profissionais e o plano pedagógico da instituição pode representar um tempo importante para estabelecimento de um vínculo de confiança por parte dos pais.

Dessa forma, podemos refletir sobre os motivos da sensação de insegurança dos pais, o que pode revelar questionamentos que a subjazem, por exemplo: Será que as professoras irão cuidar do meu filho? Vão propiciar-lhes comida? Vão permitir que chorem?

O objetivo principal dentro desta categoria, que era verificar como o professor percebe as dificuldades de adaptação da criança à instituição de Educação Infantil, foi alcançado, porém novas questões surgiram da análise da categoria. Por exemplo: Será permitido aos pais permanecerem em uma sala de espera? Se não, por que isso acontece? As instituições possuem estrutura física para que os pais esperem por seus filhos em uma sala reservada para isso?

Na categoria “As estratégias utilizadas pelas professoras para adaptar a criança”, a principal estratégia mencionada pelas participantes é o desenvolvimento de atividades lúdicas.

Contudo, poucas das entrevistadas descreveram o que são essas atividades, ou o que compreendem por atividades lúdicas, assim como sua finalidade naquele momento. Um dos objetivos iniciais no processo de adaptação, de modo a minimizar o sofrimento pelo afastamento de sua família e do que é familiar a criança, é construir um vínculo de segurança e de afeto. A atividade lúdica, por suas características, é uma estratégia que pode ser incorporada a objetivos como: conhecer os colegas, os professores, a instituição, a rotina, o espaço, a noção espaço-tempo dentro das rotinas, não desconsiderando os sentimentos de medo e angústia que a criança tem naquele momento, ou seja, não se trata de negar a existência desses sentimentos, mas sim ouvir as próprias crianças.

As professoras da instituição pública descreveram mais estratégias para a adaptação das crianças do que as da instituição privada, sendo que em ambas as instituições as estratégias estão voltadas para as crianças. Ortiz (2012) aponta várias estratégias que são voltadas para um trabalho a ser realizado junto com os pais das crianças, como o esclarecimento de dúvidas e trocas de expectativas – talvez quanto ao tipo de cuidado a ser prestado e realizado; apresentação da proposta educacional da Instituição; distribuição de textos ou pequenos folders com aspectos fundamentais deste momento; porém apenas duas dessas são mencionadas pelas entrevistadas: a anamnese e o aumento gradativo de horas nas primeiras semanas. A comunicação entre professoras e pais é fundamental para saber se a criança comeu, dormiu, chorou, etc. Através desse diálogo, é possível criar um laço de confiança entre família e instituição. Entretanto, quando essa conversa não ocorre, acaba-se dificultando a construção desse laço, ou acaba-se mesmo por enfraquecê-lo.

O objetivo principal dentro dessa categoria, que era o de “investigar quais estratégias que o professor utiliza para adaptar a criança ao contexto da Educação Infantil”, foi alcançado, porém novas questões surgiram: Como as professoras trabalham com atividades lúdicas no período de adaptação? Como é construído o projeto específico para a adaptação? Que outras atividades são contempladas neste projeto?

Já na categoria que trata sobre “a relação de apego das crianças à objetos” percebe-se que a maioria das entrevistadas mencionaram que as crianças com quem trabalham possuem objetos de apego como bicos, nanas e ursos. Porém, ao serem questionadas sobre como procedem e qual a orientação da instituição sobre o uso desses objetos, as respostas ficaram divergentes. Acreditamos, contudo, que isso ocorreu, em parte, pelo fato de as entrevistadas terem optado por escrever suas respostas. Winnicot (1975) nos ajuda a compreender a importância de deixar que a criança permaneça com seu objeto de apego, pois segundo o autor

permanecer com o objeto com o qual é apegada transmite um sentimento de segurança para a criança e de “defesa contra a ansiedade”, especialmente quando está vivenciando uma situação de distanciamento dos pais.

Com relação aos usos desses objetos, as professoras agem de diferentes maneiras quanto ao deixar que a criança permaneça com o seu objeto de apego. A orientação das instituições neste sentido, igualmente, parece não ser clara, pois as respostas das entrevistadas foram divergentes. O objetivo dessa categoria era “verificar quais informações o professor possui sobre comportamento de apego da criança a objetos e *pessoas*”. Contudo, as respostas centraram-se sobre o que diz respeito ao comportamento de apego em relação a objetos.

A relação de apego com os pais e o modo como as profissionais lidam com ela foi uma questão que ficou a ser respondida. Talvez pelo fato do desconhecimento de que o choro, o agarrar-se aos pais na despedida e o recusar-se a ficar seja indicativo do apego as figuras de cuidado principais (pai e mãe). As professoras às vezes têm conhecimento sobre o apego e a Teoria de Apego, no entanto, a reflexão quanto ao que tal situação implica nas necessidades da criança e dos pais, no sentido de pensar uma aplicação desse conhecimento na prática, é algo que necessita ser debatido/pensado.

Outras questões que surgem, a partir das reflexões desta pesquisa, dizem respeito às novas relações de apego que se estabelecem, em como os “padrões de apego” anteriores podem interferir no vínculo a ser estabelecido entre professor(a)-criança, como o professor ou auxiliar percebe e lida com demandas de afeto, proximidade e atenção diferentes em sala de aula? Exigências diferenciadas de criança para criança? Novas pesquisas podem ser realizadas a fim de responder as dúvidas que ainda permanecem e as que surgirão a partir da leitura desta pesquisa por seus leitores.

REFERÊNCIAS

AUGUST, H; ESPERANDIO, M R G. **Teoria do Apego: Origem, Desenvolvimento e Perspectivas**. Anais do Congresso ANPTECRE, v. 5, 2015.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOWLBY, J. **Uma base segura: Aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOWLBY, J. (1990). Apego: A natureza do vínculo. In: BOWLBY, J. (Org.). **Trilogia Apego e Perda**, 2. ed. v.11. São Paulo: Martins Fontes.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

_____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Infantil– Referencial final**. v.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

BRUM, E H M de; SCHERMANN; L. Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, 2004. p. 457-467. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20399.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2018.

CERISARA, A B. Educar e Cuidar: Por onde anda a educação infantil? **Perspectiva**. Florianópolis, v.17, jul./dez. 1999. p. 11-21.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, 2005, p. 12-24.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar, Curitiba**, n. 24, 2004. p. 213-225. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2018.

GONÇALVES, J P; DAMKE, A S. **O Processo de Adaptação: Os Primeiros Dias da Criança no Ambiente Escolar**. 2007. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-420-05.pdf>
Acesso em: 27 set. 2017.

JACOB, S. H. **Estimulando a mente do seu bebê**. São Paulo: Mandras, 2004.

KUHLMANN JR., M. O jardim de infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCA, Carlos (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção Educação Contemporânea).

LADWING, V K; GOI, R E P; SOUZA, J L G de. **Adaptação e acolhimento na Educação Infantil**, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/educacao-infantil-acolhimento-e-adaptacao/>>. Acesso em: 17 set. 2018.

MELO, A S de. **A relação entre pais e professores de bebês: uma análise da natureza de seus encontros diários**. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Educação, 2008.

MINAYO, M. C. de S. et al.(Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes,1994.

NASCIMENTO, G. S. do. **Entrada da criança na educação infantil e o processo de adaptação: as relações entre pais, crianças e professores no desenvolvimento do processo educativo**. 2017. 72f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2017. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/13839>>. Acesso em: 18 set. 2018.

NOVAES, M; H. **Adaptação escolar: diagnóstico e orientação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.

OLIVEIRA, Z de M R de et al. **Creches: crianças, faz-de-conta e cia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

ORTIZ, C. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012.

PAPALIA, D E; FELDMAN, R D. Desenvolvimento psicossocial nos três primeiros anos. In: PAPALIA, Diane E; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento Humano**. Tradução : Carla Filomena Marques Pinto Vercesi... [et al.] ; [revisão técnica: Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva... et al.]. – 12. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH,2013.p. 206-244.

PRADO, A B. **Semelhanças e Diferenças Entre Homens e Mulheres na Compreensão do Comportamento Paterno**. 2005. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/102484/211612.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 set. 2017.

RAPOPORT, A; PICCININI, C A. O Ingresso e Adaptação de Bebês e Crianças Pequenas à Creche: Alguns Aspectos Críticos.**Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 1, 2001. p. 81-95. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>>. Acesso em: 23 de maio de 2018.

RIZZO, G. **Creche: Organização, montagem e funcionamento**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999.

ROSSETI-FERREIRA, M. C. et.al. **Os fazeres na Educação Infantil**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

STRENZEL, G R. Tempo de Chegada na Creche: Conhecendo-se e Fazendo-se Conhecer. **Revista Zero a Seis**, v.6, n.4, ago/dez 2002. p. 8-15. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/15584>>. Acesso em: 23 maio 2018.

VITÓRIA, T; ROSSETI-FERREIRA, M C. Processos de Adaptação na Creche. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n. 86,ago.1993. p.55-64.

VIGOTSKY, L S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed.São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WINNICOTT, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D. WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. p. 10-48.

ANEXO I

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada “A adaptação de crianças na educação infantil: a atuação do professor”, sob a responsabilidade dos pesquisadores Dr^a Alessandra Bonassoli Prado, Juliana Bonett e Leila Remus. Nesta pesquisa nós estamos buscando investigar como o professor atua no período de inserção na educação infantil para promover a adaptação da criança. Os objetivos específicos serão: verificar como o professor percebe as dificuldades de adaptação da criança à instituição de educação infantil; investigar quais as estratégias que o professor utiliza para adaptar a criança ao contexto da educação infantil; aferir quais informações o professor possui sobre comportamento de apego da criança a objetos e pessoas.

Na sua participação você será submetido a uma entrevista qualitativa com 10 questões. Estas questões tratam sobre o período de adaptação da criança à creche e sua atuação como professor. Estaremos gravando suas respostas para mais tarde fazermos a transcrição das mesmas. Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Os riscos desta pesquisa para os participantes serão pequenos e envolvem risco de constrangimento e emocional, pois ao abordar o tema o participante pode estar vivenciando alguma dificuldade no processo de adaptação da criança a creche. Neste sentido, não se pode descartar a possibilidade de desconforto emocional relacionado aos questionamentos que serão realizados. Assim, caso haja qualquer mobilização de ordem emocional, se for de vontade do participante será interrompida a pesquisa, e o mesmo será encaminhado, se necessário, a atendimento psicológico da rede pública ou particular a fim de minimizar os danos causados. Em relação à pesquisa o risco inerente é o de as pessoas não concordarem em participar. Você não é obrigado a participar da pesquisa se não desejar. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação. O benefício da pesquisa em âmbito social é que o conhecimento produzido poderá subsidiar projetos para capacitação de professores e instituições de ensino. A pesquisa trará reflexões que poderão esclarecer pais e professores sobre o período de adaptação na educação infantil. Outra contribuição da pesquisa é saber se há

a necessidade de qualificação para os membros da comunidade escolar saberem lidar com a criança em seu período de adaptação à creche. A Relevância científica da pesquisa é que existem poucas pesquisas feitas sobre o processo de adaptação a partir desta perspectiva teórica que diz respeito à Teoria do Apego.

Uma via original deste Termo de Esclarecimento ficará com você. Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com:

Dr^a Alessandra Bonassoli Prado, telefone (048) 91669101; Juliana Bonett, telefone (049) 988160461 e Leila Remus (049) 988524053. Também com a Universidade Federal da Fronteira Sul, Rodovia SC 484 Km 02, 609 - Fronteira Sul, Chapecó - SC, 89812-000 Poderá também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres-Humanos – (Rua General Osório, 413 D – CEP 89802 – 210 – Caixa Postal 181 – Centro – Chapecó – SC - Brasil) Tel e Fax – (0xx) 49 – 2049-3745.

Aceito que minha voz seja gravada e seja utilizada para fins científicos.

Aceito que minha voz seja gravada mas não aceito que seja utilizada para fins científicos.

Não Aceito que minha voz seja gravada.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e poderei modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Receberei uma via deste termo de assentimento.

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Assinatura do participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Chapecó, dede 2017